

O Orpheon Portuense como sociedade coral

HL. Gomes de Araújo

Encontro de Investigação em Canto em Coro

Museu Nacional de Soares dos Reis

6.Julho de 2013



Sumário:

. Introdução.

. A fundação de uma sociedade coral.

. De uma sociedade coral a uma sociedade de concertos.

. A questão.

Introdução

- . Os “textos” : os Estatutos, os programas (os Annaes”), os Relatórios e as Actas.
- . O “contexto”: o Porto finissecular, romântico e industrial.

A fundação de uma sociedade coral.

. Músicos e empresários.

Estiveram presentes e foram -

SOCIOS FUNDADORES:

Adriano Ramos Pinto
Alfredo d'Azevedo Lima
Alvaro Leão Baptista Dias
Augusto Anthero de Magalhães
Bernardo Valentim Moreira de Sá
Cherubino Lagôa
Eduardo Antonio Moreira
Eduardo Honorio de Lima
Ernesto da Silva Maia
Francisco de Paula A. da Silveira Pinto (Dr.)
Guilherme Augusto de Faria
Henrique Carlos de Meirelles Kendall
Ireneu Augusto Paes
Justino Moniz
Manoel Vaz de Miranda
Marcos Archer
Miguel Arthur Gonçalves
Ricardo do Valle.

De uma sociedade coral a uma sociedade de concertos.

. Da gratuitidade dos dons à reciprocidade do mercado.

1882

4 DE MARÇO

primeira apresentação em publico num concerto da ASSEMBLEIA PORTUENSE, com as seguintes composições choraes:

<i>Jésus ouvrier</i>	BEETHOVEN
<i>Chanson des vendangeurs</i>	MENDELSSOHN

Nomes dos Senhores Associados, que formam
os grupos a executar nos Exames Mensal de
de Abril de 1884

Luiz Henri

Justino Maria

Luiz Maia

Luiz Paes

Eduardo Moreira

Arriano Ramos Pinto

Augusto Magalhães

Dr. Francisco de Paula

Marcus Ascher

Alfredo Lima

Eduardo Lima

Guilherme Faria

Manoel Miranda

Antonio M. Magalhães

Ant. Ign. Paiva

João Paes

Manoel Neves

Antonio Martins

Pedro Lima

Alfredo Bastos

David Pinto

F. Von Kafe

Julio Lima

Bento Magalhães

Alberto Marques

E. Thümann

Candido Ribeiro

Ant. Vasconcelos

Dr. Castro

Augusto Castro

João Lima

Alfredo Cordeiro

Ant. Carneiro

Manoel Araújo

John Smith

Eduardo Freire

Arthur Miranda

Alfredo Salazar

Alfredo Ribeiro

Dr. Souza

E. Cheguin

Luiz Gomes e Silva

Alberto M. R. Araújo

N. Silva e Souza

Alfredo Costa

R. Reid

R. Flower

Guilherme Puls

Miguel Magalhães

João Costa

Benoit Gaudillot

H. Guichard

Antonio Macedo

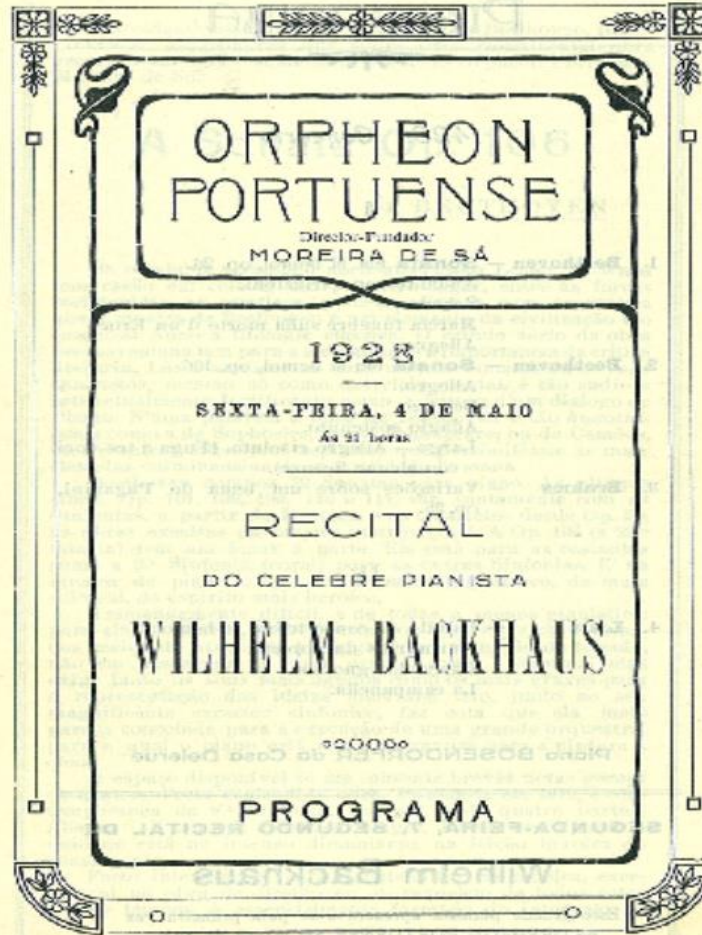
Otto Burmeister

Porto 2 de Abril de 1884

O Director Técnico

Frederico V. Moreira de Sá

PRO 368 (1)



ORPHEON
PORTUENSE

Directo-Fundado:
MOREIRA DE SÁ

1928

—
SEXTA-FEIRA, 4 DE MAIO
Às 21 horas

—
RECITAL
DO CELEBRE PIANISTA
WILHELM BACKHAUS

PROGRAMA

Off. do Governo da Pariz

Espólio Orpheon Portuense

(N) 82E 097

PROGRAMA

423.º Concerto

I

1. **Beethoven** — **Sonata** em lá bemol, op. 26.
Andante con variazioni.
Scherzo.
Marcia funebre sulla morte d'un Eroe.
Allegro.
2. **Beethoven** — **Sonata** em si bemol, op. 106.
Allegro.
Scherzo.
Adagio sostenuto.
Largo — Allegro risoluto. (Fuga a tre voci
con alcune licenze).
3. **Brahms** — Variações sobre um tema de Paganini,
op. 35.

II

4. **Liszt** — Estudo de concerto em ré bemol.
Murmúrios da floresta.
Dança dos gnomos.
La campanella.

Piano BOSENDORFER da Casa Delerue

SEGUNDA-FEIRA, 7, SEGUNDO RECITAL DE

Wilhelm Backhaus

Executando-se hoje a sonata op. 106 de Beethoven, transcrevemos as palavras que sobre essa monumental obra escreveu em 1917 o saudoso director do Orpheon Portuense, Moreira de Sá.

A Sonata Op. 106

DE BEETHOVEN

Se o celebre sociologo norte-americano Lester F. Ward tem razão em colocar em primeiro lugar, entre as forças sociológicas, as estéticas, pode-se afirmar com segurança que a musica de Beethoven é um elemento da civilização tão essencial como a filologia classica. O estudo sério da obra beethoveniana tem para a mentalidade a importancia da critica literaria. Lér e analisar as suas ultimas Sonatas ou os seus Quartetos, mesmo só como exercicio mental, é tão sadio e intelectualmente fortificante como a leitura d'um dialogo de Platão. N'uma palavra, a obra de Beethoven é tão *humansante* como a de Sophocles, ou de Shakspeare, ou de Camões, ou de outros altissimos espiritos que personificam as mais elevadas culminancias da mentalidade humana.

Beethoven compoz 32 Sonatas para piano. As ultimas cinco, Op. 101, 106, 109, 110 e 111, são, juntamente com as Sinfonias, a partir da Heroica, e os Quartetos desde Op. 59, as obras excelsas da musica instrumental. A Op. 106 (a 29.ª Sonata) tem um lugar á parte. Ela está para as restantes como a 9.ª Sinfonia (coral) para as outras Sinfonias. É na musica de piano o que ha de mais gigantesco, de mais colossal, de espirito mais heroico.

Tremendamente difficil, é de todas a menos pianistica; para ela os Erards, os Bechsteins, os Steinways são acanhados meios de execução. Abrange toda a extensão do teclado, não em passagens de mero ornato, como é habitual, mas exige tanto os sons mais agudos como os mais graves para a representação das ideias musicais; isto, junto ao seu magnifico character sinfonico, faz com que ela mais pareça concebida para a execução de uma grande orquestra, para a qual o piano está como a gravura para a pintura a oleo.

O espaço disponível só me consente breves notas geraes de analyse d'esta esplendida obra. Publicada em 1819, é contemporanea da 9.ª Sinfonia. Compõe-se de quatro partes: Allegro (1.º tempo), Scherzo, Adagio, Final, cuja ligação e unidade está no intenso dinamismo, na feição heroica do pensamento.

Facto interessante para o entendido em musica, excepcional na obra de Beethoven, o esqueleto de todos estes

PRO 818 (1)



Orpheon Portuense

CONDECORADO COM A COMENDA DA ORDEM DE SANTIAGO DA ESPADA,
MEDALHA DE MÉRITO (OURO) DA CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO E
A MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA

DIRECTORES ARTÍSTICOS: MOREIRA DE SÁ (1881-1924) LUIZ COSTA (1924-1960)

CAIO PAGANO

PIANISTA

COM O APOIO DO
GOVERNO CIVIL DO PORTO

E A COLABORAÇÃO DA
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO

E



SALÃO ÁRABE DO PALÁCIO DA BOLSA
SÁBADO 27 DE MARÇO DE 1993

ÀS 21,30 HORAS

A questão

- . Qual o processo pelo qual ao ciclo de uma comunidade carismática se sucede o ciclo de uma sociedade de concertos?